

Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70.

NUNO MOTA¹ CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA (CAL-DPC-CML)

JOÃO PIMENTA² MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA/UNIARQ

RODRIGO BANHA DA SILVA³ ARQUEÓLOGO. TÉCNICO SUPERIOR DO CAL-DPC-CML. DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA FCSH-UNL. INVESTIGADOR INTEGRADO DO CHAM-FCSH E UAÇ.

Resumo

O presente artigo pretende trazer a público os resultados da intervenção arqueológica realizada em 1998 e em 2002 no imóvel da Rua do Recolhimento n.ºs 64-70, no Castelo de São Jorge, Lisboa.

Apesar de a estratigrafia encontrar-se profundamente perturbada por uma estrutura negativa de época medieval, foi possível recolher diversos elementos que permitem vislumbrar e problematizar os primeiros momentos da presença romana em Olisipo.

Summary:

The aim of this paper is to bring public the results of the archaeological excavation conducted in 1998 and in 2002 on n.º 64-70 building of Street of Recolhimento, in the São Jorge Castle, Lisbon.

Although the stratigraphy was deeply affected by a negative structure of medieval times, it was possible to collect several elements that allow us to glimpse and problematize the first moments of the Roman presence in Olisipo.

1. Introdução

Entre 1996 e 2008 foi desenvolvido pela Câmara Municipal de Lisboa o Projecto Integrado do Castelo de São Jorge, tendo os trabalhos arqueológicos sido efetuados por uma equipa composta para o efeito e coordenada por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, arqueólogas da Administração Central.

Contemplando quer a área monumentalizada, quer alguns blocos de edificado sujeitos a acções mais ou menos profundas de reabilitação urbana, do projecto resultou a criação de um centro de interpretação e de uma área de arqueológica visitável, ambos geridos pela empresa municipal Egeac.

Os conhecimentos desta forma obtidos sobre o passado desta área da cidade de Lisboa, em particular entre a Idade do Ferro e o período medieval muçulmano, não têm paralelo anterior (vide bibliografia). Apesar de somente parcialmente divulgados, estes novos dados vieram resolver problemáticas históricas importantes, com saliência para a forma como ocorreu a primeira etapa da incorporação de *Olisipo* e seu território na esfera romana, tendo-se comprovado categoricamente a militarização do espaço (Pimenta, 2003, 2005 e 2007).

Fora do âmbito do projecto, mas em articulação com este, foram desenvolvidas algumas acções pontuais por arqueólogos da autarquia, de que o caso presente do imóvel da Rua do Recolhimento n.ºs 64-70 é exemplo. Aqui, e a despeito de uma série de perturbações de época medieval e moderna, foi possível identificar o conjunto de dados que agora se apresenta, de particular interesse para a compreensão da ocupação romana republicana do povoado de *Olisipo* nos dois séculos antes da Era.

Figura 1
 Figura 1 – Planta da
 Cidade de Lisboa
 com localização da
 intervenção e do CSJ



2. Enquadramento da Intervenção

A intervenção arqueológica resultou do projecto particular de emparcelamento de três edifícios da freguesia do Castelo, e respectiva reabilitação e requalificação.

Os elementos cartográficos antigos de Lisboa, dos meados do séc. XVII ao presente, sempre haviam assinalado a presença do edificado em causa, pelo que também este conjunto de arquitectura vernácula encerrava valor e interesse patrimonial que importava acautelar.

Com o objectivo de facultar elementos à equipa projectista, foi executada uma sondagem de diagnóstico em 1998, com a dupla intenção de aferir da tipologia de fundações presentes, mas também de testar a totalidade da potência estratigráfica presente no local.

Numa segunda fase, e seguindo o princípio da não escavação sistemática dos níveis arqueológicos situados abaixo da cota de obra à excepção de entidades de relêvo peculiar para o conhecimento do passado urbano, foi intervencionada em 2002 toda a área de um dos três prédios do conjunto, dado pretender-se executar aí um rebaixamento do piso térreo e o recalçamento das fundações das paredes mestras.

Ambas as intervenções foram dirigidas por arqueólogos municipais (RBS e RBS com NM), coadjuvados por um arqueólogo contratado na campanha de 2002 (Hugo Gomes), num ambiente de desejável e estreita boa colaboração com a equipa que conduzia então a componente arqueológica do Projecto Integrado do Castelo de São Jorge.

Por questões de segurança, e embora a escavação se tenha nortado pelos princípios metodológicos de Barker e Harris, houve aqui a necessidade de se proceder à sua adaptação mediante a aplicação de uma malha quariculada, e à escavação das quadrículas perimetrais do espaço assim configurado de forma alternada, mais se aproximando o trabalho, e somente neste aspecto, do preceituado por Wheeler.

Desta forma, a abordagem metodológica adoptada para a escavação arqueológica consistiu na implantação de uma quadrícula alfa-numérica de A a C, no sentido Oeste-Este, e de 1 a 3, no sentido Norte-Sul (Figura 3), obtendo-se um total de 9 quadrículas, sendo que uma delas (parte da Q. B 2, numa área de 1 x 1,5 m) tinha já sido escavada até ao substrato geológico na primeira campanha de intervenção arqueológica no interior do edifício (vide relatório da campanha de 1998, RBS).

Figura 2
Planta da freguesia de Santa Cruz, em 1650 extraída da planta da cidade de Lisboa do Arquitecto Real João Nunes Tinoco.

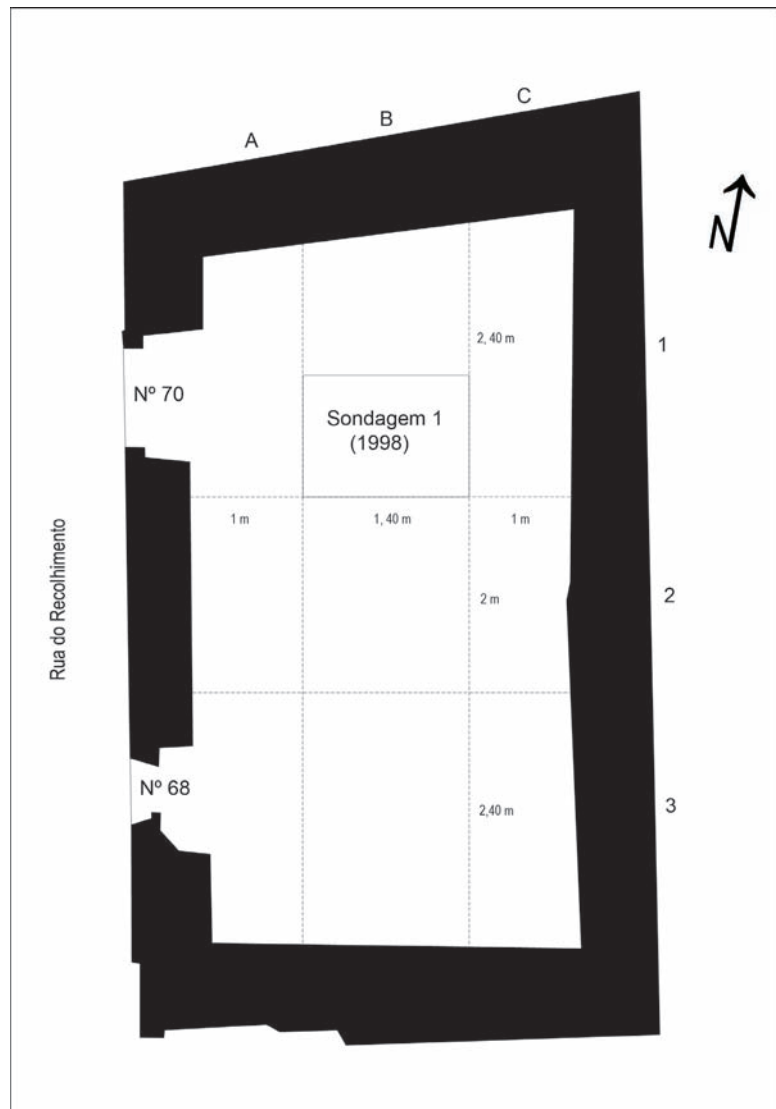
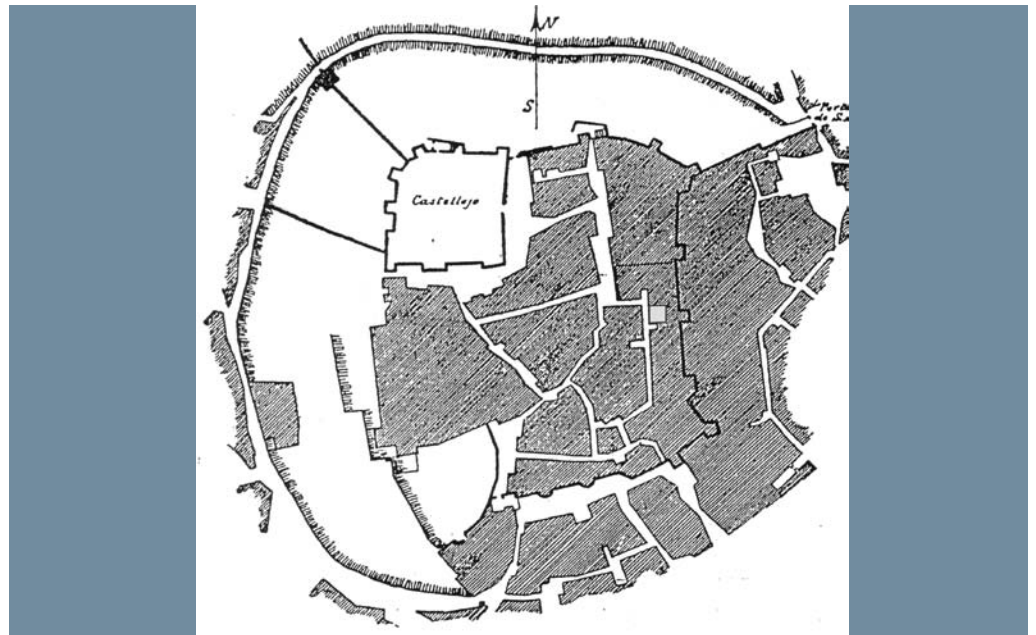


Figura 3
Planta do edifício n.ºs 68-70 da Rua do Recolhimento com localização das sondagens.

2.1. Os contextos arqueológicos

A intervenção arqueológica nos n.ºs 68-70 da Rua do Recolhimento foi delimitada ao espaço interno de um compartimento com cerca de 6.80 m X 3.40 m. Os trabalhos da obra implicavam a escavação em profundidade de c. 1,30 m abaixo do piso actual da casa, sendo essa a cota também definida para a escavação arqueológica.

A escavação das quadrículas, sem recorrer a “banqueta”, foi realizada consoante as necessidades de desenvolvimento da obra. O método de registo utilizado foi o de Harris (Unidades Estratigráficas).

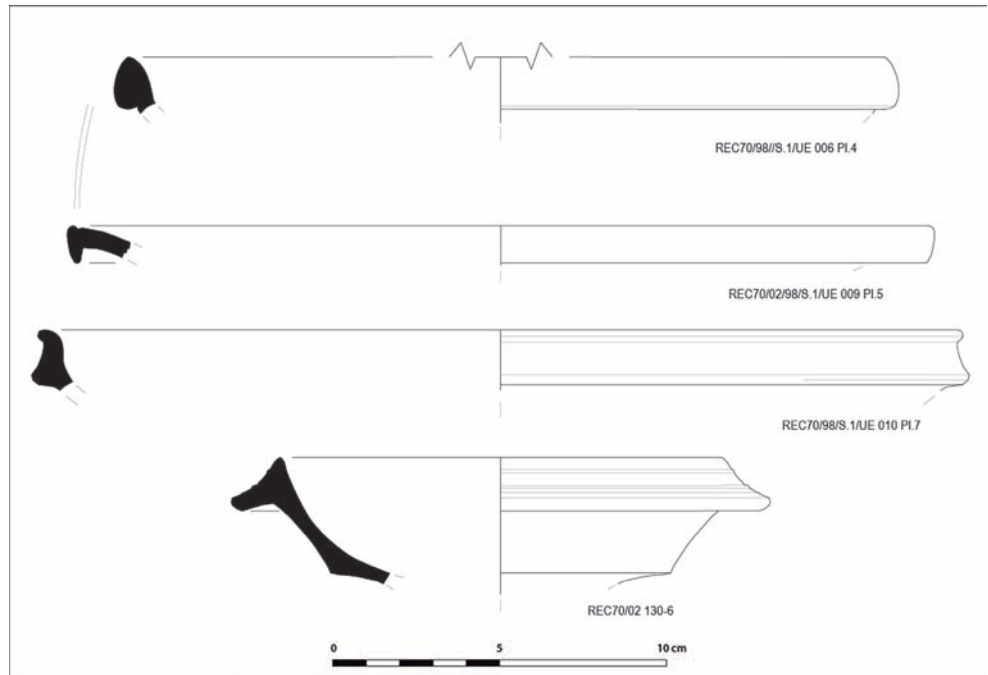
De uma forma geral, a escavação permitiu observar uma estratigrafia diacronicamente incompleta.

A totalidade do espaço do edifício dos n.ºs 68-70 da Rua do Recolhimento apresentava-se muito perturbada por acções genericamente datáveis da Baixa Idade Média.

Merece destaque neste âmbito a existência de uma grande fossa detritiva, de configuração ovalada, relativamente centralizada em relação ao edifício. Nela se constatara já em 1998 uma sequência de enchimento onde pontuava abundante telha de canudo, de segura cronologia medievla, islâmica e posterior, a par de raros elementos cerâmicos que incluíam importações flamengas datáveis dos finais do séc. XIII-séc. XIV (Silva e Oliveira, no prelo), alguma cerâmica medieval muçulmana e ocasionais fragmentos de cerâmicas romanas do Baixo Império Romano e/ou Antiguidade Tardia (vide Figura 4). O que assomava com maior relevo neste contexto era, porém, e de forma significativa, a frequência muito elevada de elementos de cronologia romana republicana, nomeadamente abundantes fragmentos anfóricos, a par de outras cerâmicas finas deste mesmo arco temporal, algumas das quais em relativo bom estado de conservação.

A relação deste complexo de unidades estratigráficas com as que lhe subjaziam não é, todavia, linear. De facto, sob a fossa mencionada registou-se um troço de muro e pavimento associado datados do final do período de dominação islâmica da cidade em cuja preparação se cerceou até à base do alicerce um outro troço de muro, perpendicular a este e construído em forte argamassa amarelada, necessariamente anterior. Os dados de escavação foram insuficientes para se esclarecer da data desta última estrutura, que tanto poderá equivaler a uma pré-existência também medieval muçulmana como, com eventual maior probabilidade, a uma presença na Antiguidade Tardia: note-se que em estratigrafia associada se recolheu uma forma Hayes 8 em *Sigillata Focense* tardia (datável da segunda metade do séc. V ao VI- conf. HAYES, 1972), a que se deverão acrescentar outros (escassos) elementos similares de outras U.E.s de formação ulterior, quer orientais (um bordo da variante Hayes 3 F- igualmente situável no arco do séc. V avançado-VI- Idem), quer africanos (bordos das formas Hayes 60 e 104 em TSCAf D- datáveis, respectivamente, da segunda metade do séc. V e do séc. VI- BONIFAY, 2004), exemplares por demais indicativos porque colhidos num local onde os artefactos da Época Romana Imperial estão ausentes. Embora se trate de um aspecto marginal ao tema que aqui se aborda, deverá enfatizar-se desde já a importância da ocorrência esta documentação no Recolhimento n.ºs 68-70, por configurar um panorama arqueológico neste sector da cidade antiga que se repete noutros locais próximos, como é o caso da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (vide SILVA, neste mesmo volume), e que encontra eco quer na epigrafia recentemente revelada na área do Castelo (GUERRA, 2006) quer nos diversos elementos de decoração arquitectónica reutilizados e visíveis na arquitectura doméstica islâmica do Núcleo Arqueológico da Alcáçova. Trata-se, contudo, de dados que compõem um quadro ainda insuficiente para uma leitura do tipo de presença e urbanismo ali verificado ao longo do séc. V e VI d.C.

Figura 4
Peça N.º 1 forma Hayes 60 em Terra sigillata africana clara D; Peça N.º 2 forma Hayes 104 em Terra sigillata africana clara D; Peça N.º 3 bordo da variante Hayes 3 F em *sigillata* foceense tardia; Peça N.º 4 forma Hayes 8 em *sigillata* foceense tardia.



Retornando às materialidades que interessam ao período republicano romano, deverá sublinhar-se que o conjunto de unidades estratigráficas referentes ao arco que cobre da Antiguidade Tardia à Baixa Idade Média se sobrepunha, por seu turno, a U.E.s pouco potentes do período republicano, com espólio associado escasso, bem como a uma outra unidade depositada directamente sob o substracto geológico e que pode remontar à plena Idade do Ferro.

De qualquer das formas, a concentração e expressão numérica elevada dos artefactos de data romana republicana no Recolhimento n.ºs 68-70 torna-se significativa por comparação com a fraca expressão atingida pelos medievais, quer coetâneos quer anteriores à formação da grande estrutura negativa. Neste sentido, a concentração do material anfórico, mas também de cerâmica de verniz negro itálico, pressupõe, com grande probabilidade, uma remobilização destas cerâmicas e de outros materiais, feita a partir de um lugar não muito distante do espaço em apreço. Os dados presentes, onde se deverá sublinhar a coerência do conjunto, assumem um relêvo peculiar para a compreensão da dinâmica da ocupação do morro do Castelo de São Jorge nas etapas iniciais da conquista e integração no mundo romano.

Figura 5
Perfil oeste da Sondagem B1-3

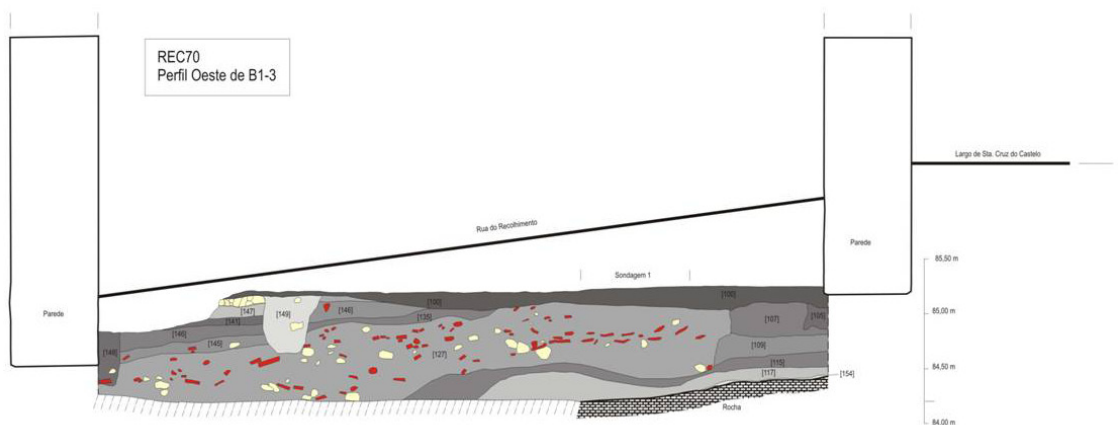


Figura 6
Pormenor da
escavação da
Sondagem B2.



Figura 7
Perfil Sul da
sondagem B2.



3. Os materiais.

O estudo dos materiais oriundos dos contextos de Época Romana Republicana até ao momento identificados nas intervenções efectuadas em distintas áreas do Castelo permitiram entrever uma única fase de ocupação para esta época que situamos no terceiro quarto do século II a.C. (150-125 a.C.). Fortemente impactante para a vida do aglomerado, este momento foi já precisado melhor no lapso entre 140-130 a.C., tendo em conta a homogeneidade das diversas importações identificadas e a sua comparação com os resultados aferidos a partir de contextos similares de sítios com cronologias bem definidas (Pimenta, 2005).

A nível metodológico, optou-se na abordagem por privilegiar os elementos que possibilitassem uma reconstituição formal, para deste modo aferir uma melhor classificação tipológica. Tendo esta em conta, foi efectuado o tratamento estatístico dos dados tendo em vista a análise do conjunto sobre diversos prismas e a sua comparação com os registos já detectados e estudados noutras zonas do Castelo, tendo-se seguido as recomendações do protocolo de quantificação de cerâmicas elaborado pelos participantes da mesa redonda de Mont Beuvray (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998), i.e., privilegiando a análise do número mínimo de indivíduos (adiante NMI).

Apesar da orientação adoptada, as “cerâmicas comuns” foram conscientemente subalternizadas. A justificação para este facto prende-se com o ainda incipiente estado actual dos nossos conhecimentos acerca destas classes cerâmicas na região do Estuário e Baixo Tejo para os séculos II-I a.C., como pela reduzida fiabilidade e/ou representatividade dos contextos patentes na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70 antes mencionada.

3.1. A cerâmica de verniz negro itálico.

Na presente intervenção identificou-se um significativo conjunto de cerâmica de verniz negro itálico, atestando um padrão de importação antigo que remete para as primeiras fases de contacto com o mundo itálico no Baixo-Tejo. Este é composto por 40 fragmentos, tendo sido possível classificar 11 formas correspondendo a um NMI de 10 vasos e uma lucerna. As produções representadas encontram-se repartidas por 20 fragmentos de Campaniense B da colónia latina de Cales, 19 fragmentos de Campaniense A de Nápoles, e um exemplar de Campaniense B Etrusca.

A cerâmica de verniz negro de Cales encontra-se atestada com produções que remetem para a fase média da sua produção - 130/80 a.C. (Principal Ponce e Ribera I Lacomba, 2013, p. 93). Encontram-se atestadas as formas Lamb. 1 (Morel F. 2320), n.ºs 262 e possivelmente o n.º 252; Lamb. 5 (Morel F. 2252-2258), n.º 259 e 248. Identificou-se igualmente dois fragmentos com colagem correspondendo a uma lucerna de verniz negro. Infortunadamente este exemplar evidencia um estado de preservação que não autoriza uma classificação categórica do seu modelo formal. Contudo não podemos deixar de sublinhar a raridade destes modelos de lucernas revestidos com verniz negro no extremo ocidente peninsular (Alves, 2010).

A cerâmica de verniz negro do Golfo de Nápoles, na Campânia Meridional, está presente com formas que remetem para a fase clássica - média da sua produção - 180/100 a.C. (Principal Ponce e Ribera I Lacomba, 2013, p. 115). Encontram-se atestadas as formas Lamb. 5 (Morel F. 2252), n.º 258; Lamb. 27 (Morel F. 2784-2788), n.º 244; Lamb. 28 (Morel F. 2612-14), n.º 256; Lamb. 36 (Morel F. 1312-1315), n.º 261.

A cerâmica de verniz negro etrusca de Volterra, considerada a B autêntica encontra-se atestada por um exemplar da forma Lamb. 5 (Morel F. 2252), n.º 251. Trata-se de produções

que ainda se encontram mal conhecidas no ocidente hispânico, ainda que nos últimos anos tal situação tenha visto a alterar-se. Na Península Ibérica estas produções encontram-se bem atestadas em contextos costeiros da *Citerior* de fundação romana, tais como *Tarraco*, *Carthago Nova*, *Valentia* ou *Emporion* (Principal Ponce e Ribera I Lacomba, 2013).

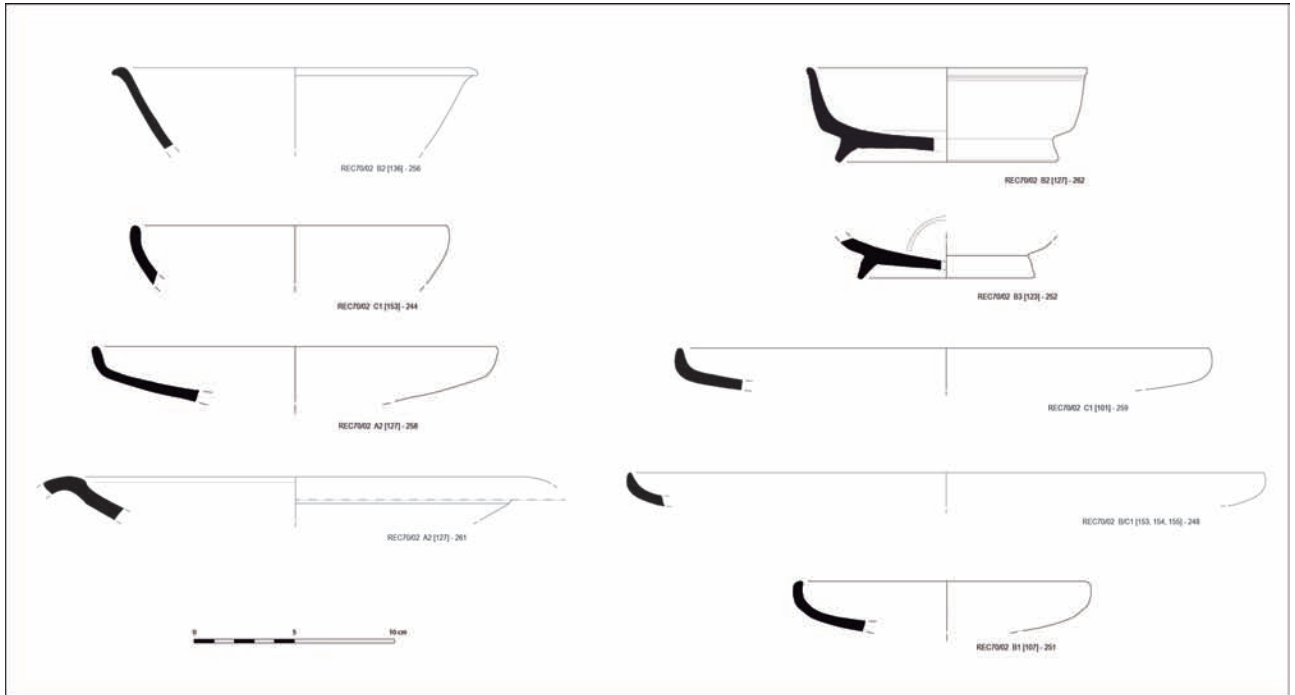


Figura 8
Conjunto de cerâmica
de verniz negro itálico.

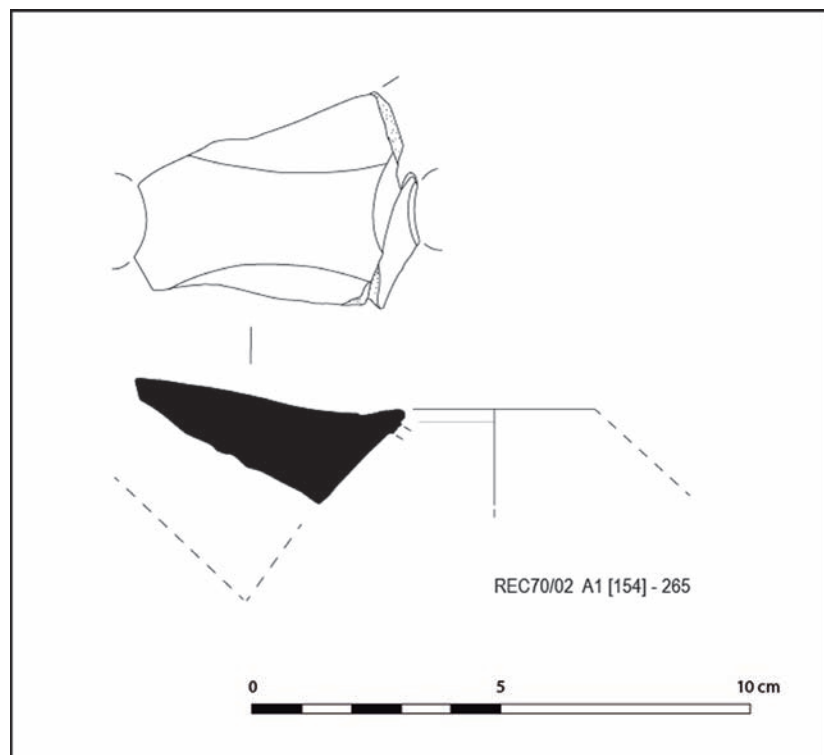


Figura 9
Lucerna revestida com
verniz negro itálico.

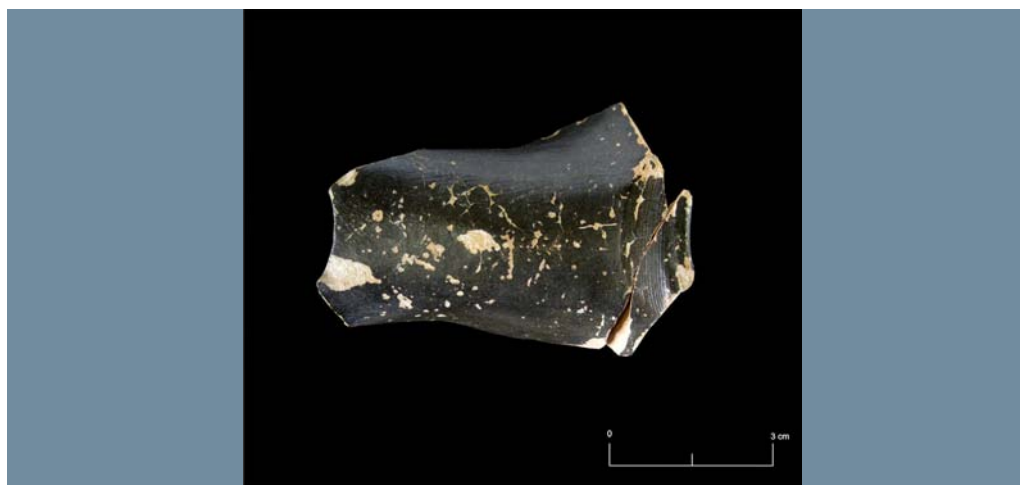


Figura 10
Fotografia de lucerna
de verniz negro itálico.

3.2. As cerâmicas de paredes finas.

Na presente intervenção recolheram-se diversos fragmentos de delicados copos de paredes finas de produção Itálica, de cronologia romana republicana, séculos II-I a.C. Entre esta categoria cerâmica foi possível reconstituir morfologicamente quatro exemplares corres-

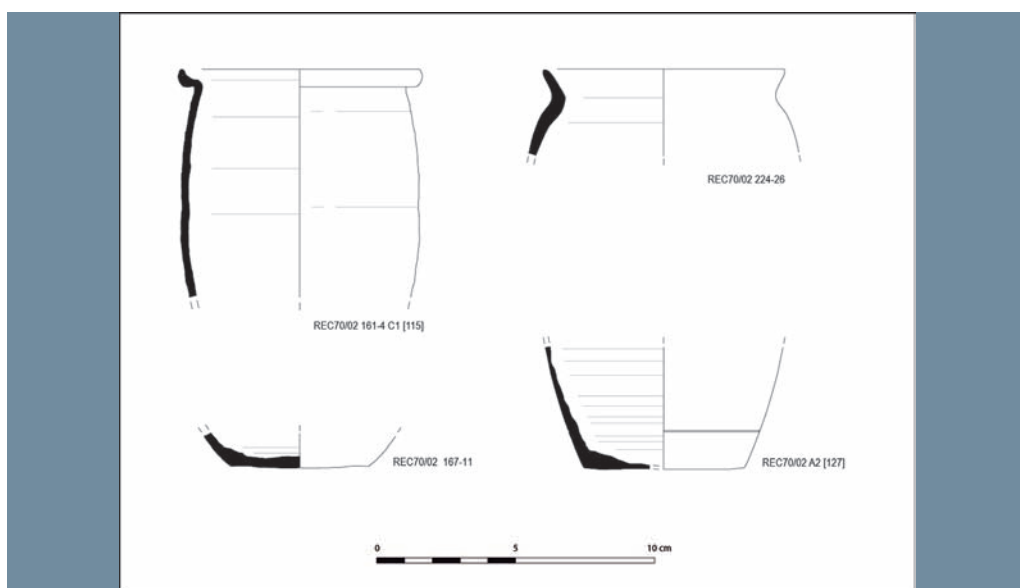


Figura 11
Conjunto de cerâmica
de paredes finas.

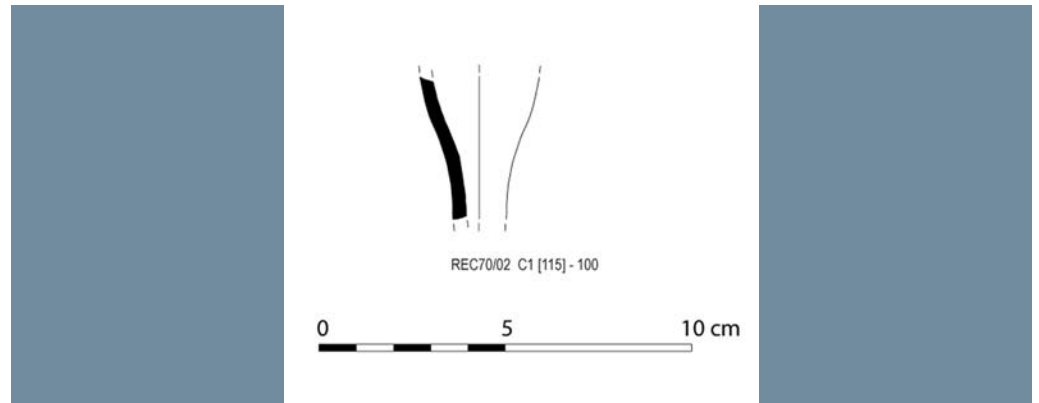
pondendo a copos integráveis nas formas I e II de Mayet (ver figura 11) (López Mullor, 2013).

3.3. Unguentários.

Na presente escavação recolheu-se um fragmento de bojo de um unguentário fusiforme, evidenciando argila bem depurada e acabamento cuidado. Apesar de recolhido fora de contexto primário, a sua análise leva a supor poderemos estar perante um exemplar de unguentário de cronologia romana republicana, sendo coerente com o restante conjunto de materiais. Sublinhe-se que, apesar de ainda inéditos, recolheram-se na área do Castelo

e noutros pontos da cidade antiga, peças idênticas em contextos bem definidos do século II a.C. O presente fragmento poderia eventualmente incluir-se dentro do tipo B de Huguet Enguita e Ribera I Lacomba, (2014). Trata-se da morfologia mais difundida, evidenciando perfil fusiforme dotado de um pé alargado e muito estreito, que só dificilmente se sustem

Figura 12
Fragmento de
unguentário.



a si mesmo. A nível de cronologia a sua difusão no ocidente encontra-se balizada do século II até meados do I a.C.

3.4. *Kalathos* Ibérico.

A presença de cerâmica ibérica em contextos do período romano republicano encontra-se bem identificada em Lisboa. A forma mais representada são os *kalathoi*, estando igualmente presentes as grandes *tinajas* de lábio moldurado.

No edifício n.ºs 68-70 da Rua do Recolhimento recolheu-se um fragmento de paredes

Figura 13
Fragmento de
Kalathos.

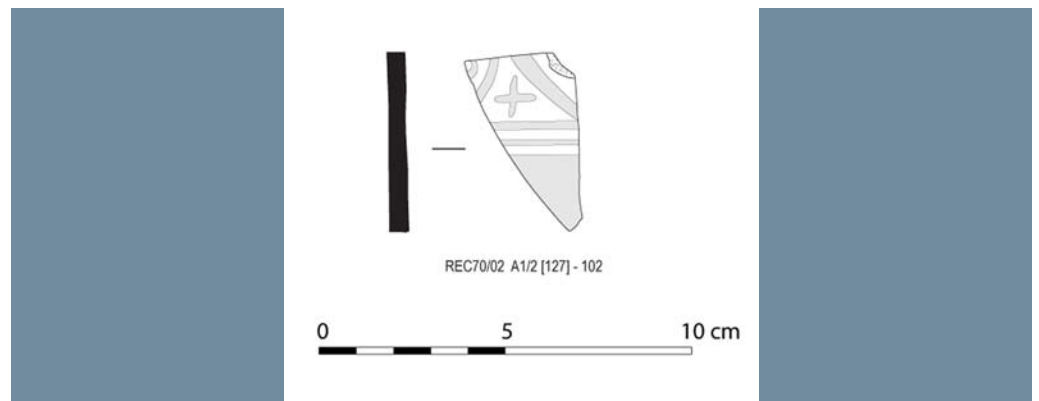


Figura 14
Fotografia fragmento
de *Kalathos*.



retas, com pintura a vermelho de motivos geométricos, possivelmente correspondendo a um *kalathos*.

3.4. Cerâmica comum.

Apesar do que acima referimos em relação ao valor informativo das cerâmicas comuns e de termos subalternizado o seu estudo, pareceu-nos relevante apresentar aqui dois exemplares distintos mas significativos para o conhecimento das ocupações antigas do Castelo. O primeiro corresponde a um pote de cerâmica cinzenta fina e acabamento cuidado. Evidencia na sua superfície externa decoração de pequenas estampilhas, agrupadas em duas linhas paralelas, formando bandas de motivos idênticos, obtidos através da mesma matriz. As chamadas cerâmicas “estampilhadas” constituem um dos elementos mais emblemáticos do período designado como II Idade do Ferro do Sul de Portugal. A peça em análise engloba-se no Grupo V, definido por Carlos Fabião para estas cerâmicas (Fabião, 1998, p. 101). Neste grupo o autor inclui um vasto conjunto vascular suscetível de ser designado como cerâmicas finas, ainda que o mais bem representado sejam as cerâmicas cinzentas finas polidas. Este tipo de peças encontra-se atestado, entre outros, no povoado da Serra de Segóvia (Elvas), Cabeço de Vaiamonte (Monforte), Alcáçova de Santarém (Arruda, 1993) e Alto dos Cacos (Almeirim) (Pimenta, *et al.*, 2012). A nível de cronologia os elementos são escassos, contudo verifica-se que estas peças e decorações serão tardias dentro desta

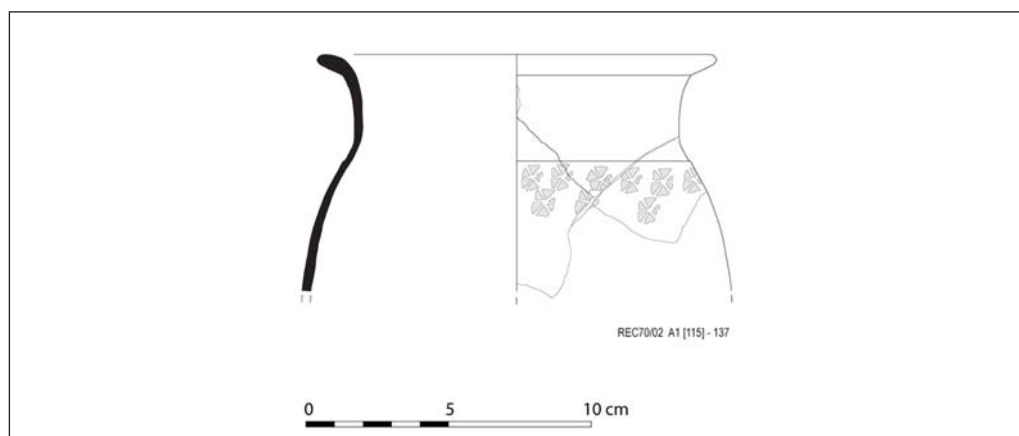


Figura 15
Pote estampilhado em
cerâmica cinzenta fina.

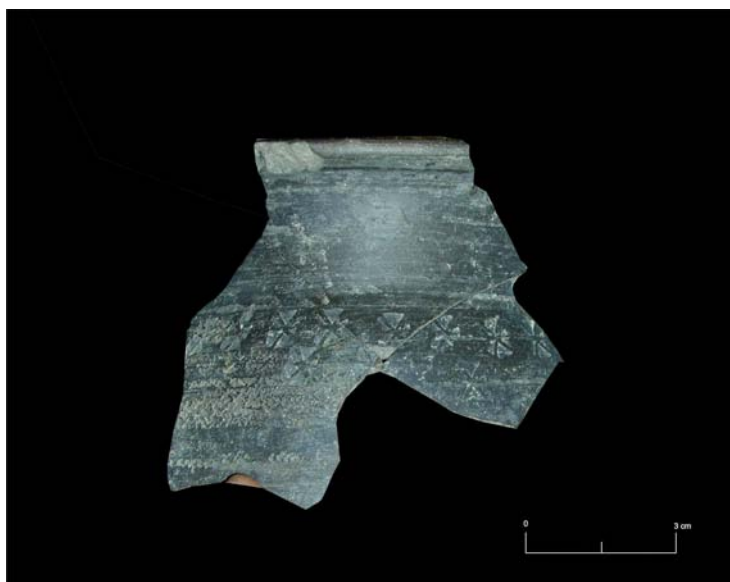


Figura 16
Fotografia pote
estampilhado em
cerâmica cinzenta fina.

tradição cerâmica, chegando ao povoado das Mesas dos Castelinhos em Época Romana Republicana (Fabião, 1998, p. 102).

Identificaram-se ainda diversos fragmentos de cerâmica cinzenta com decoração em retícula brunida, possivelmente correspondendo a jarros. Este tipo de recipientes e decora-

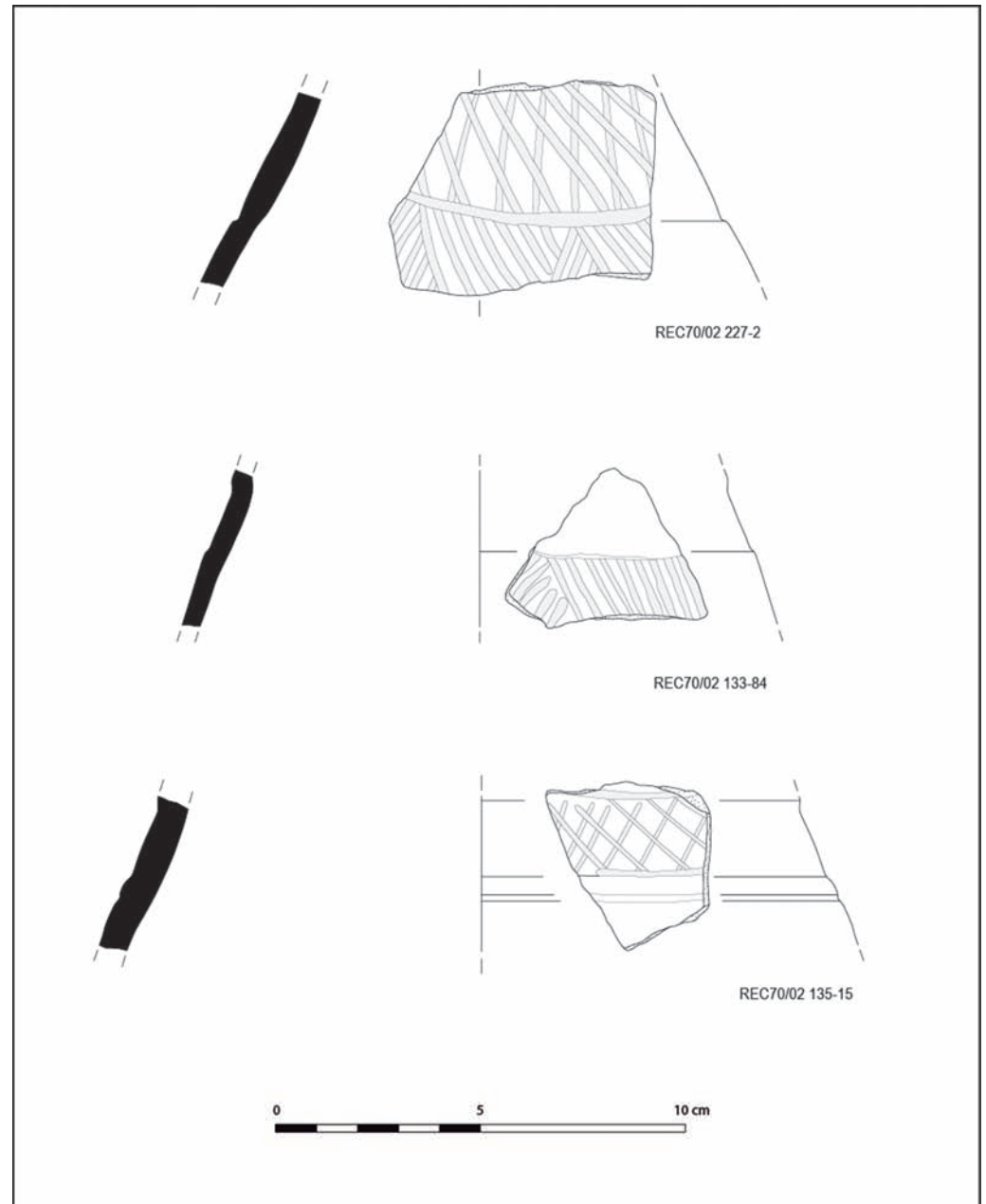
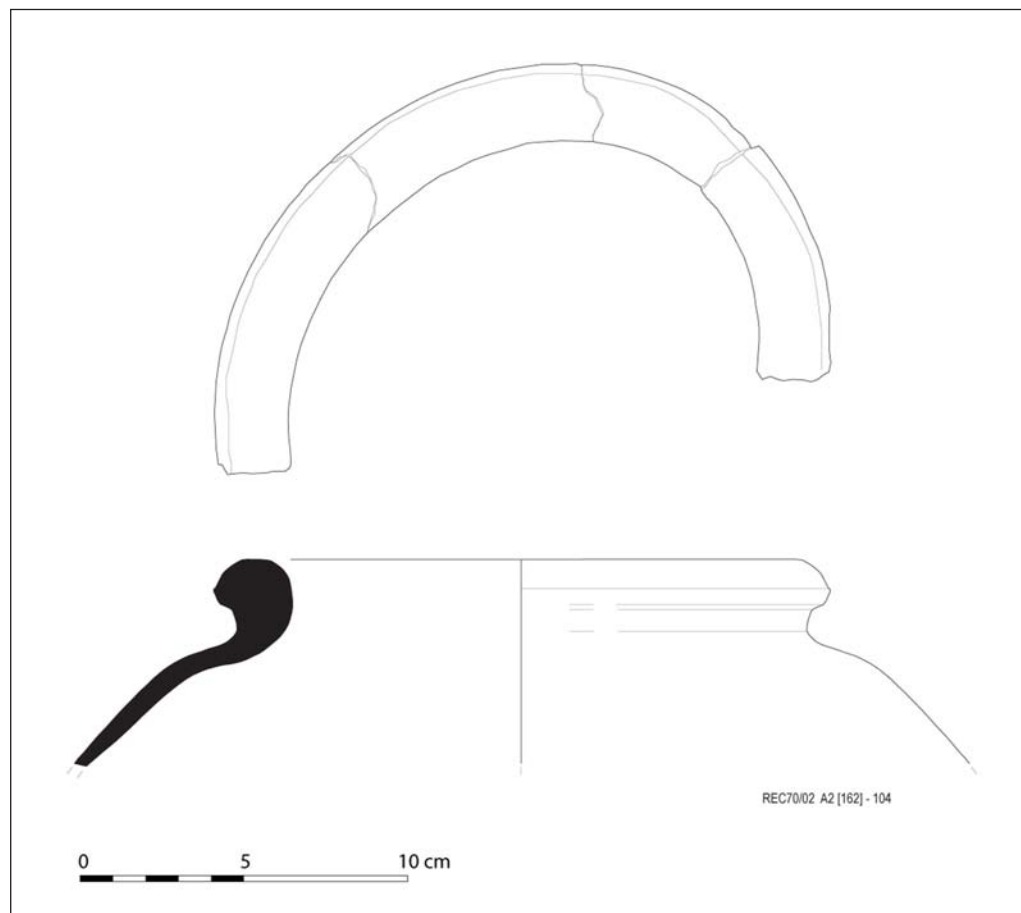


Figura 17
Cerâmica cinzenta
com decoração em
retícula brunida.

ções encontra-se bem documentado em contextos do século II a.C. na cidade de Lisboa (Pimenta, Calado e Leitão, 2005).

Em claro nível de deposição secundária, recolheram-se nos aterros de cronologia medieval diversos fragmentos com colagem de um contentor de armazenamento datável dos finais da Idade do Ferro ou mesmo já do período romano republicano. Esta peça evidencia a particularidade de apresentar defeito de fabrico a nível do bordo, ainda que se afigure que este não impediu a sua utilização.

Figura 18
Pote de
armazenamento em
cerâmica comum.



3.5. *Stylus*.

Como referimos *supra*, a presente intervenção atestou uma estratigrafia profundamente afectada por níveis de cronologia medieva. Contudo foi possível identificar e escavar na parte mais oeste do edifício um nível preservado de Época Republicana. Aí se registou uma associação de materiais coerentes, composta por ânforas itálicas do tipo Dressel 1 A e cerâmica campaniense A, permitindo aferir uma cronologia do século II a.C. para a mesma. Integrando este ambiente, na U.E. [012] da sondagem de 1998 se exumou uma significativa peça em osso, em excelente estado de preservação, que interpretamos sem reservas como *stylus*.

O achado de estiletos destinados à escrita sobre matérias moles, nomeadamente sobre cera, constitui uma novidade no caso da Rua do Recolhimento n.ºs 68-70, por se reportar com segurança ao primeiro achado deste tipo de objecto em osso datado do período republicano romano na região.

O *stylus* era utilizado para escrever notas (administrativas, de contabilidade, mais raramente correspondência) sobre placas de madeira com o interior rebaixado e coberto de cera: comumente duplas (*dyptichus*), porque unidas por argolas metálicas, mas que também poderiam ser triplas (*tryptichus*) ou até em número superior (*polyptichus*).

Em termos genéricos, e ao contrário dos exemplares metálicos, os estiletos de osso podem (e são) facilmente ser confundidos com objectos de outra natureza: punções, alfinetes de cabelo ou fusos de roca. Contudo, e como sublinharam recentemente Michel Feugère e Philippe Prévot (2008, p. 241-242), uma série de características morfológicas distingue-os

categoricamente daquele tipo de objectos, como o demonstram evidências de natureza diversa: traceológica, de que se destacam as marcas de dentição nas extremidades, ou contextual, como os achados destes elementos em contextos funerários ou de naufrágio, associados a outros objectos de escrita (Idem), dados aliás com uma distribuição geográfica ampla e com cronologias que remontam à Época Helenística.

Tipologicamente conhecem-se dois tipos dominantes: um primeiro, cónico, surgido no séc. II a.C. e que cai em desuso com Augusto, e um segundo bi-cónico que, surgido nos inícios do principado, perdurará até aos Flávios, pelo mais (Idem, p. 242).

O exemplar da Rua do Recolhimento insere-se no tipo mais antigo, com paralelos formais próximos em dois *stylus*, um da região de Montpellier (Manniez, 1984 *apud* Feugère e Prévot, 2008, p. 242) e outros recentemente identificados nos sítios militares de Villajoyosa (Alicante), do séc. III-I a.C. (www.cilniana.org/488), e no da segunda metade do séc. II a c. 70 a.C. de «La Cabañeta» (El Burgo de Ebro) (www.caiaragon.com), fazendo a sua aparição também nos contextos de 75 a.C. da violenta destruição de *Valentia* (Alapont Martin *et al.*, 2009, p. 21) e em contextos funerários ampuritanos republicanos (em exposição no Museu de Ampúrias).

Outros *styli* de Época Republicana Romana, com outras morfologias e executados em suporte metálico, haviam sido de há muito registados em sítios seguramente militares do ocidente peninsular, merecendo referência especial, pela sua proximidade geográfica e eventuais conexões históricas, o recolhido no início do séc. XX por Marques da Costa em Chibanes (Palmela), dotado da típica extremidade triangular destinada a alisar a cêra (Costa, 1910, p.57, fig.441).



Figura 19
Estilete romano
em osso.

Trata-se, por consequência, de um artefacto consentâneo cronologicamente com o restante panorama da cultura material que o sítio disponibilizou.

O espécime lisboeta em apreciação apresenta 12,6 cm de comprimento, uma secção circular, uma pequena cabeça de formato tendencialmente esférico e um bico bem afilado. Nele se notam, claramente, curtas marcas incisas no terço superior, de permeio com outros sinais de abrasão, provavelmente danos provocados pela dentição do(s) seu(s) utilizadore(s), o que atesta a funcionalidade do objecto e a sua efectiva utilização no passado.

Deixando para uma outra ocasião a exploração mais aprofundada do significado da ocorrência deste tipo de objectos de escrita nos contextos arqueológicos romanos da região, não pode deixar de se enfatizar o carácter por demais contundente que o *stylus* da Rua do Recolhimento encerra para a definição do perfil dos ocupantes do Castelo no lapso de entre 140-130 a.C. e as primeiras décadas do séc. I a.C.

4. As ânforas

Entre o espólio exumado, destacam-se os fragmentos de ânforas, presentes em praticamente todas as unidades estratigráficas do local, dado bastante revelador das profundas perturbações posteriores que os contextos desta época foram alvo neste sector da antiga alcáçova muçulmana.

A matéria inscreve-se nos estudos já antes elaborados por um dos autores sobre a matéria, sendo a apresentação, como antes, feita segundo a origem geográfica e, a um segundo nível, de acordo com a respectiva classificação morfológica e de fabrico (Pimenta 2003, 2005).

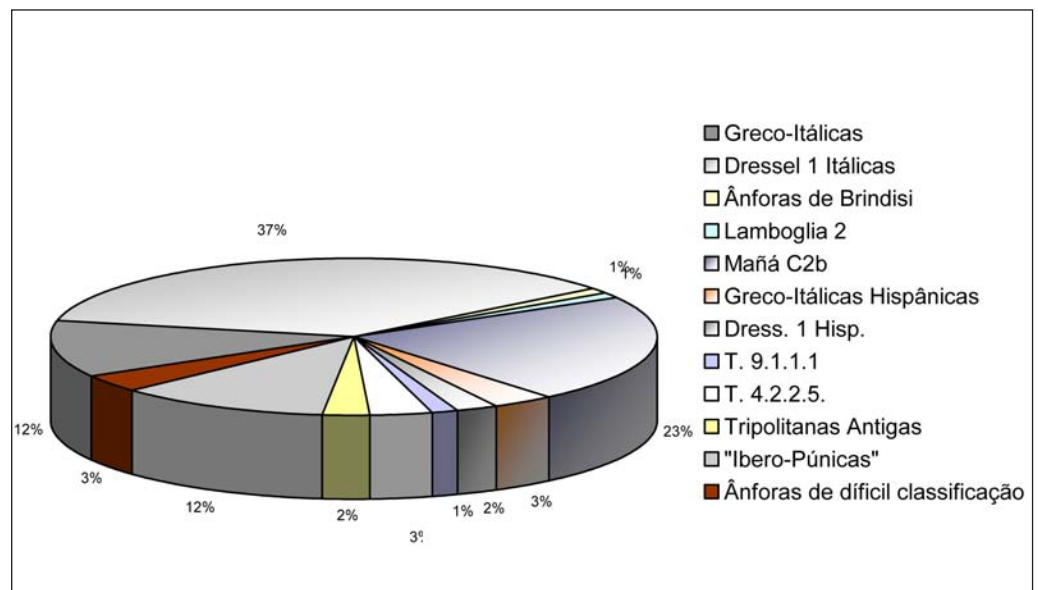


Figura 20
Representação dos
diversos tipos de
ânfora representados.

3.1. Ânforas de produção Itálica

Em consonância com os dados de que dispomos para o resto das intervenções na área do Castelo, a importação de ânforas provenientes da península Itálica sobressai no presente conjunto (51%). Entre estas destacam-se os típicos modelos da forma 1 da tabela de Dressel (37%) que prevalecem em relação aos contentores ditos Greco-Itálicos (12%). Escusamo-nos aqui de retomar a problemática entre a distinção dos dois tipos e o seu subsequente interesse cronológico, visto que um de nós já se deteve com algum fôlego sobre este assunto (Pimenta, 2005). Importa, no entanto, sublinhar que a chegada do vinho Italiano ao actual território português se inscreve no processo de conquista, não tendo sido precedido por nenhuma distribuição relevante de natureza comercial, como os dados da estratigrafia do Castelo vieram confirmar (Fabião, 1998).

As ânforas Greco-Itálicas encontram-se representadas por dez fragmentos de bordo cuja relação altura do lábio espessura máxima do mesmo permite uma classificação entre os modelos tardios deste tipo, seguindo as propostas de A. Hesnard e C. Lemoine (1981), depois afinadas por F. Gateau (1990).

A análise macroscópica das pastas permitiu identificar três diferentes grupos de fabrico, que como se disse por uma questão de coerência e articulação de dados seguiu os já antes definidos para as ânforas Itálicas a propósito do estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Ver Pimenta, 2005): neles, o Grupo 3 é o mais bem representado, (Figura 23 n.º 1 a 6), seguido do Grupo 4 (Figura 23 n.º 9 a 10) e Grupo 5 (Figura 23 n.º 7 a 8).

As ânforas Dressel 1 Itálicas são o tipo melhor representado no local (31 exemplares). Sob esta designação englobamos diferentes morfologias não pondo em causa a variação formal, empiricamente observável, em diferentes tipos pertencentes a “uma família comum” (ver Fabião, 1998b; Olmer, 1998; Benquet e Olmer, 2002).

A análise das pastas revelou que as típicas produções ditas “campanienses”, caracterizadas por uma grande abundância de “areias negras” de origem vulcânica, como quantitativa-mente mais relevante, nele se incluindo quer o Grupo 3, o melhor representado (Figura 23 n.º 11 a 15 e Figura 23 n.º 6), como igualmente mas com menor expressão, o Grupo 4 (Figura 24 n.º 4 e 5, e 7).

Um dos fragmentos de bocal apresenta um grafito efectuado pós-cozedura no colo (Figura 23, n.º 11). Este dado revela-se particularmente interessante, visto que entre os largos milhares de fragmentos de ânforas romanas identificados no Castelo de São Jorge, apenas tinha sido identificado uma asa de Dressel 1 com uma cruz gravada, igualmente pós-cozedura⁴. O grafito em análise corresponde, ao nexu MV⁵. O facto de se tratar de uma gravação efectuada pós-cozedura leva a pensar que se trata de uma indicação de proprietário, o que revela algo sobre a *literacia* de quem manuseava estes contentores.

Acerca das Dressel 1 resta destacar a presença de uma série de fragmentos de bocal (Figura 24, n.º 1 a 4) com lábios entre os 6 e os 7 centímetros, assim como fragmentos de asas muito espessas (Figura 24, n.º 7) e de um ombro carenado com arranque de asas (Figura 24, n.º 5), que podem se classificar como da variante C da forma 1 de Dressel (Lamboglia, 1955 e Benoit, 1957). Este dado torna-se relevante visto fornecer-nos um elemento cronológico perturbador, entenda-se que face aos dados antes disponíveis para o Castelo, onde os elementos cronológicos quase sempre remetem para cronologias antigas dentro da época Republicana. Estes modelos de Dressel 1, embora tenham começado a circular em finais do século II a.C., são característicos da primeira metade do século I a.C. (Gateau, 1990). As ânforas vinárias da costa adriática, encontram-se representadas por um fragmento de bocal, que atribuímos ainda que com necessárias cautelas ao tipo Lamboglia 2 (Figura 24 n.º 8) (Lamboglia, 1955 e Bruno, 1995). Tem uma pasta compacta e arenosa de tom vermelho acastanhado (Mun. 5YR 5/4), com alguns elementos não plásticos constituídos por grãos ferruginosos, quartzos e partículas negras de pequena dimensão.

Identificámos ainda um fundo terminando em calote (Figura 24, n.º 9) que atribuímos do mesmo modo com algumas reservas às produções designadas como ânforas de Brindisi (Cipriano; Carre, 1989). Apresenta uma pasta homogénea bem depurada de tom vermelho clara (Mun. 7.5 R 6/6), com poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, quartzos e grãos calcários.

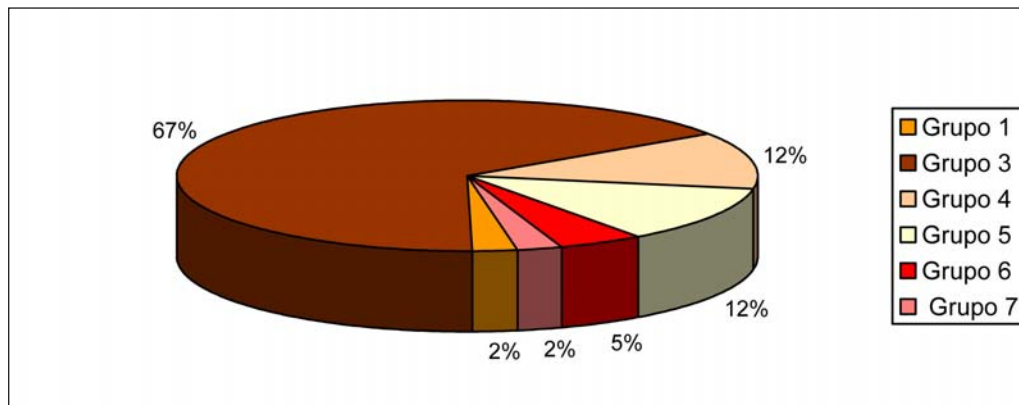


Figura 21
Representação dos
diversos grupos de
fabrico Itálicos.

Produções	Fabricos	Bordo	Asa	Ombro	Fundo	N.M.I.
Produções Itálicas (Campânia, Lácio e Etrúria)	Grupo 1		1			1
	Grupo 3	22	54	11	3	27
	Grupo 4	4	10	3		5
	Grupo 5	4	9		1	5
	Grupo 6	2	4			2
	Grupo 7	1				1
	Produções Itálicas (Adriático)	Brindisi -Grupo 1				1
Lamboglia 2 - Grupo 1		1				1
Produções Africanas (Tripolitanas)	Trip. Antiga - Grupo 1	2			1	2
Produções do Circulo de Gibraltar	Maña C2b - Grupo 1	13	9	1	1	13
	Maña C2b - Grupo 2	5	4		3	5
	Maña C2b - Grupo 3		1		1	1
	Gr.Itál.Hisp. - Grupo 2	1	1			1
	Gr.Itál.Hisp. - Grupo 6		3			2
	Dress. 1 Hisp. - Grupo	1	1		1	1
	Dress. 1 Hisp. - Grupo	1				1
	Tipo 9.1.1.1. - Grupo 2		1			1
	"Ibero-Púnicas"		4		1	1
	Tipo 4.2.2.5	3				3
Produções Regionais	Indeterminadas	10	6			10
TOTAL		70	108	15	13	84

Figura 22

Quadro de síntese dos elementos de ânfora em estudo.

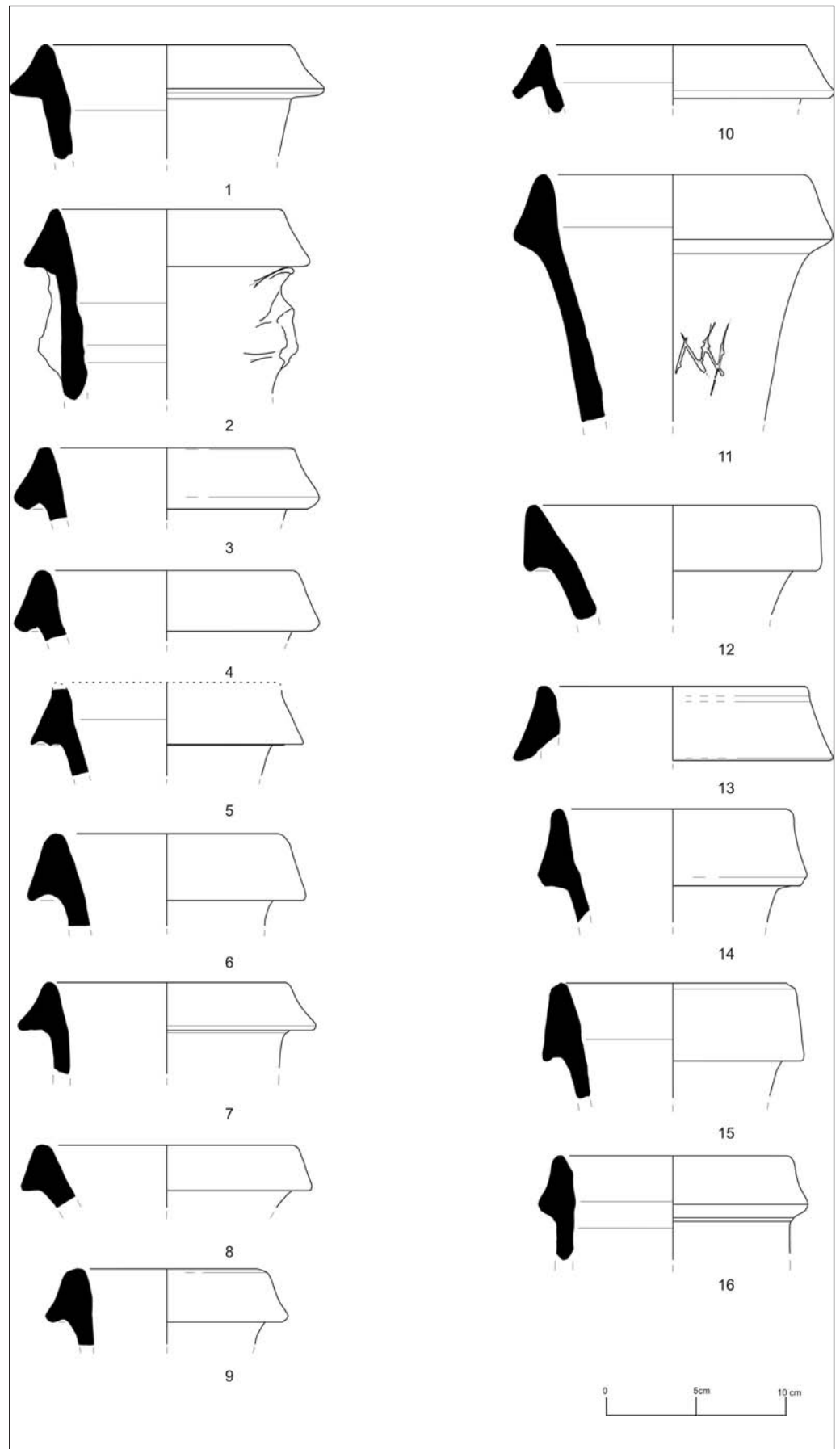


Figura 23
Prancha ânforas
Itálicas.

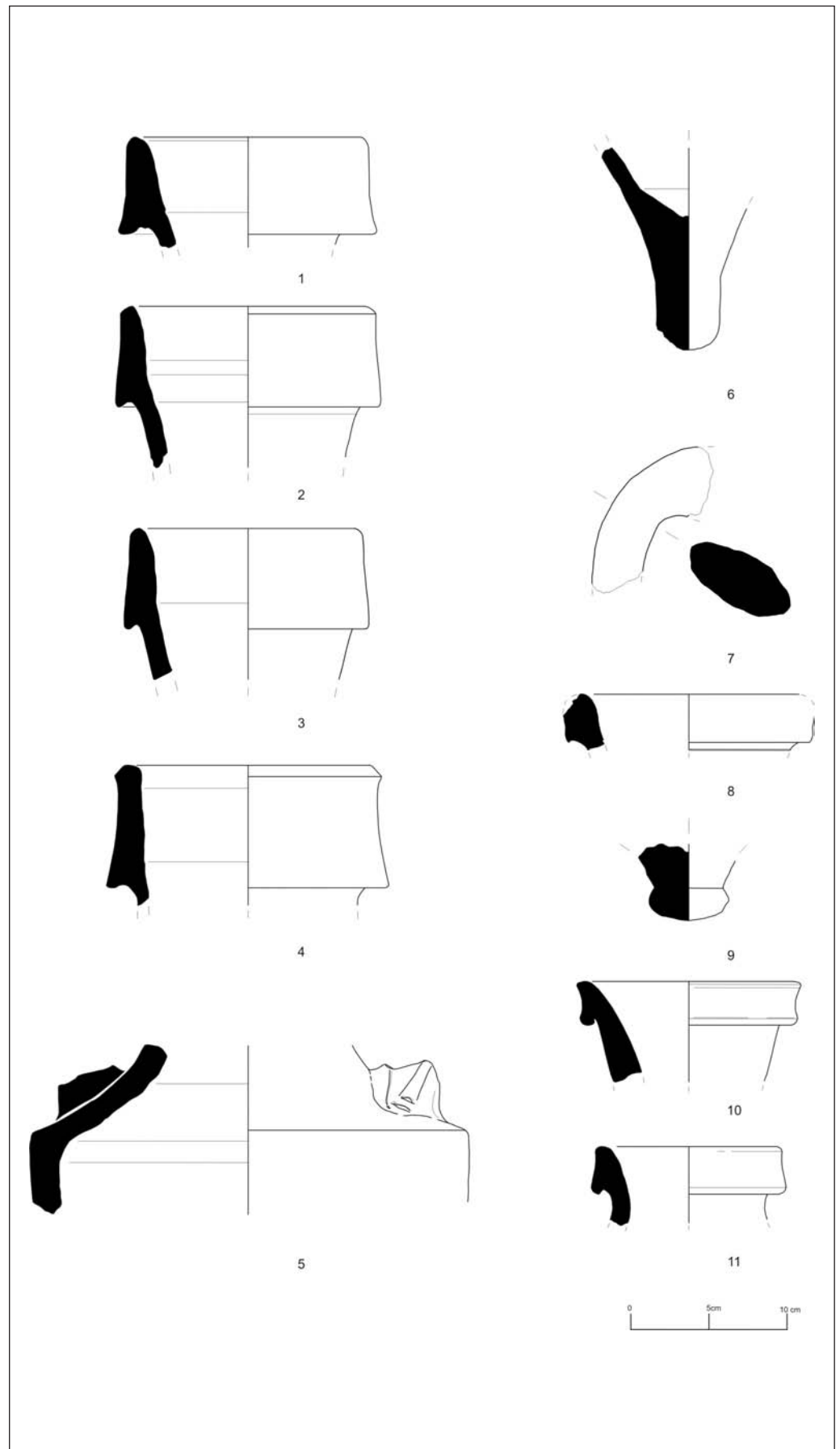


Figura 24
Pranča ânforas
Itálicas e Africanas
(n.º 10 e 11).

3.2. Ânforas do Mediterrâneo ocidental e da área do estreito de Gibraltar

As produções ocidentais de ânforas, na sua maioria destinadas a preparados piscícolas, assumem um peso importante entre o panorama das importações da cidade de Lisboa para a época que nos ocupamos, sendo como um de nós já propôs um dos indicadores mais eloquentes do precoce despertar da *Hispania* (Pimenta, 2007). Correspondem a 29% da totalidade das ânforas identificadas nesta intervenção, assumindo especial importância os contentores do tipo Mañá C2b (23%)

3.2.1. Ânforas Mañá C2b

As Ânforas Mañá C2b (tipos 7.4.3.2. e 7.4.3.3. de Ramon Torres, 1995) são a produção do Mediterrâneo Ocidental melhor representada, tendo-se identificado dezanove exemplares. A análise dos fabricos identificados aponta a totalidade dos exemplares exumados para uma produção ocidental desses contentores.

Encontram-se representados os três grupos de fabrico que definimos para este tipo (ver Pimenta 2005), sendo o Grupo 1 melhor caracterizado, estando documentado por uma série de fragmentos de bocais (Figura 25, n.º 1 a 7), um fragmento de asa com grafito (Figura 25, n.º 14) e um fragmento de bojo e colo com uma marca (Figura 26, n.º 1).

Do Grupo 2 individualizámos cinco fragmentos de bordo (Figura 25, n.º 9 a 13) e dois fundos (Figura 25, n.º 15 e 17). O Grupo 3 encontra-se escassamente representado, surgindo somente um bordo (Figura 25, n.º 8) e um fundo (Figura 25, n.º 16).

Deste grupo de fabrico identificou-se ainda um fragmento de colo com arranque de asa com um fragmento de uma invulgar marca, exumado infortunadamente fora de contexto primário num nível já medieval. A marca identificada (Figura 26, n.º 1) corresponde a uma estampilha rectangular em caracteres neo-púnicos da qual se conhecem alguns exemplares similares (Pimenta, 2005). Infelizmente o seu estado de conservação não permite uma leitura clara do seu significado, apenas possibilitando identificar o signo *-pe-*. A sua comparação com marcas similares existentes na área da baía Gaditana e no norte de África, não permite uma identificação categórica do seu significado (compare-se com García Vargas, 1998, Fig. 30, n.º 1 e Ramon Torres, 1995, Fig. 222).

Ainda deste fabrico, e igualmente com ausência de contexto primário, individualizou-se um fragmento de asa com grafito: corresponde a três linhas paralelas efectuadas pós-cozedura (Figura 25, n.º 14).

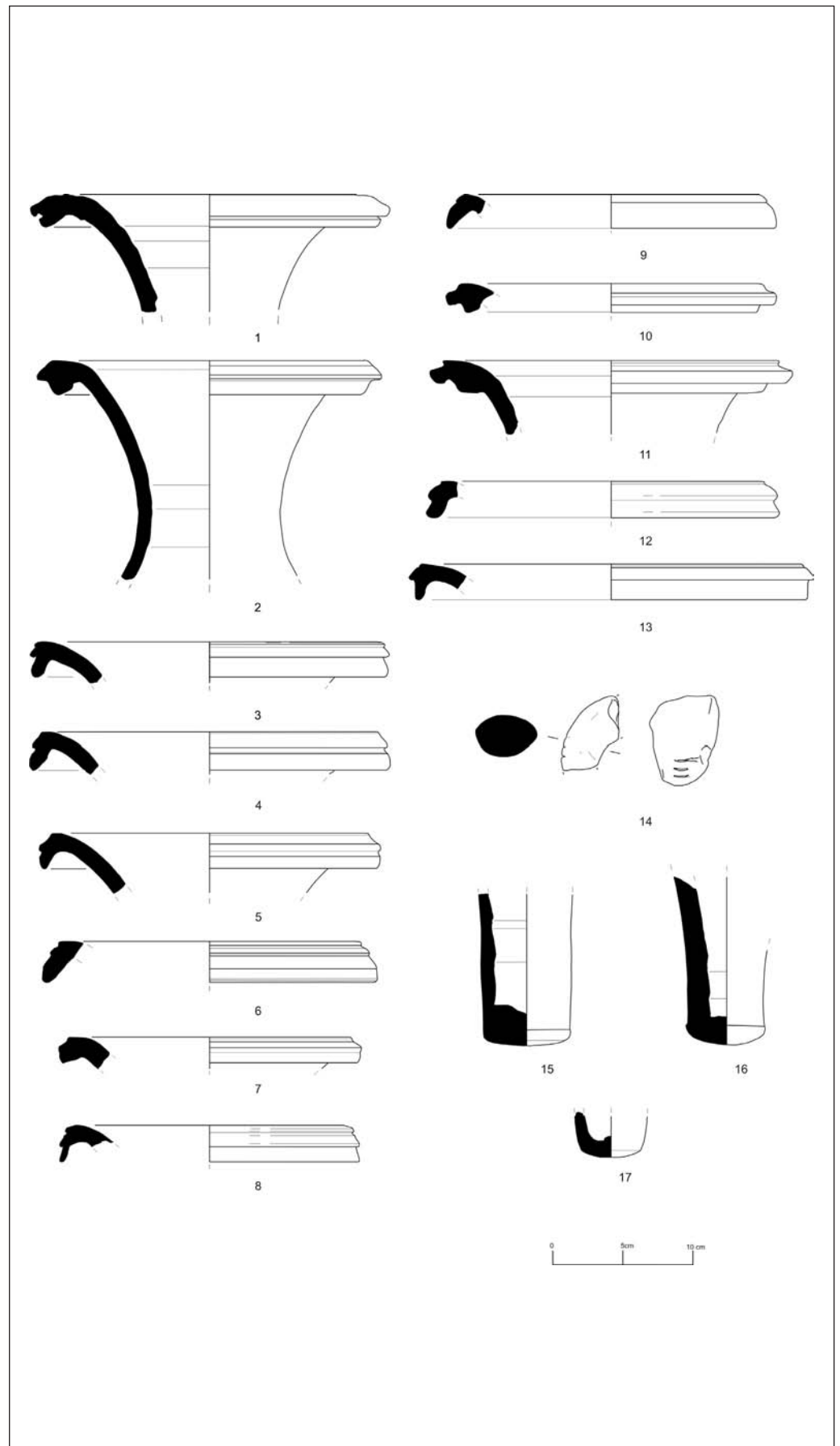


Figura 25
Prancha ânforas Mañá
C2b.

3.2.2. Greco-Itálicas e Dressel 1 Hispânicas

Documentando os primeiros momentos do longo processo de “romanização” dos contenedores de transporte dos produtos agrícolas e de derivados marinhos que ocorre na *Hispania* durante a época tardo-republicana, individualizámos um número mínimo de cinco ânforas, que copiam os típicos modelos itálicos de exportação do vinho da costa tirrénica, Greco-Itálicas e Dressel 1 (Figura 26, n.º 9 a 12).

Estas ânforas encontram-se bem representadas no conjunto de importações de *Olisipo* para esta fase e devem corresponder, tendo em conta as suas características macroscópicas, a produções da baía gaditana onde recentes intervenções têm vindo a demonstrar o seu fabrico (González Toraya et al., 2000 e Bustamante e Martín Arroyo, 2004).

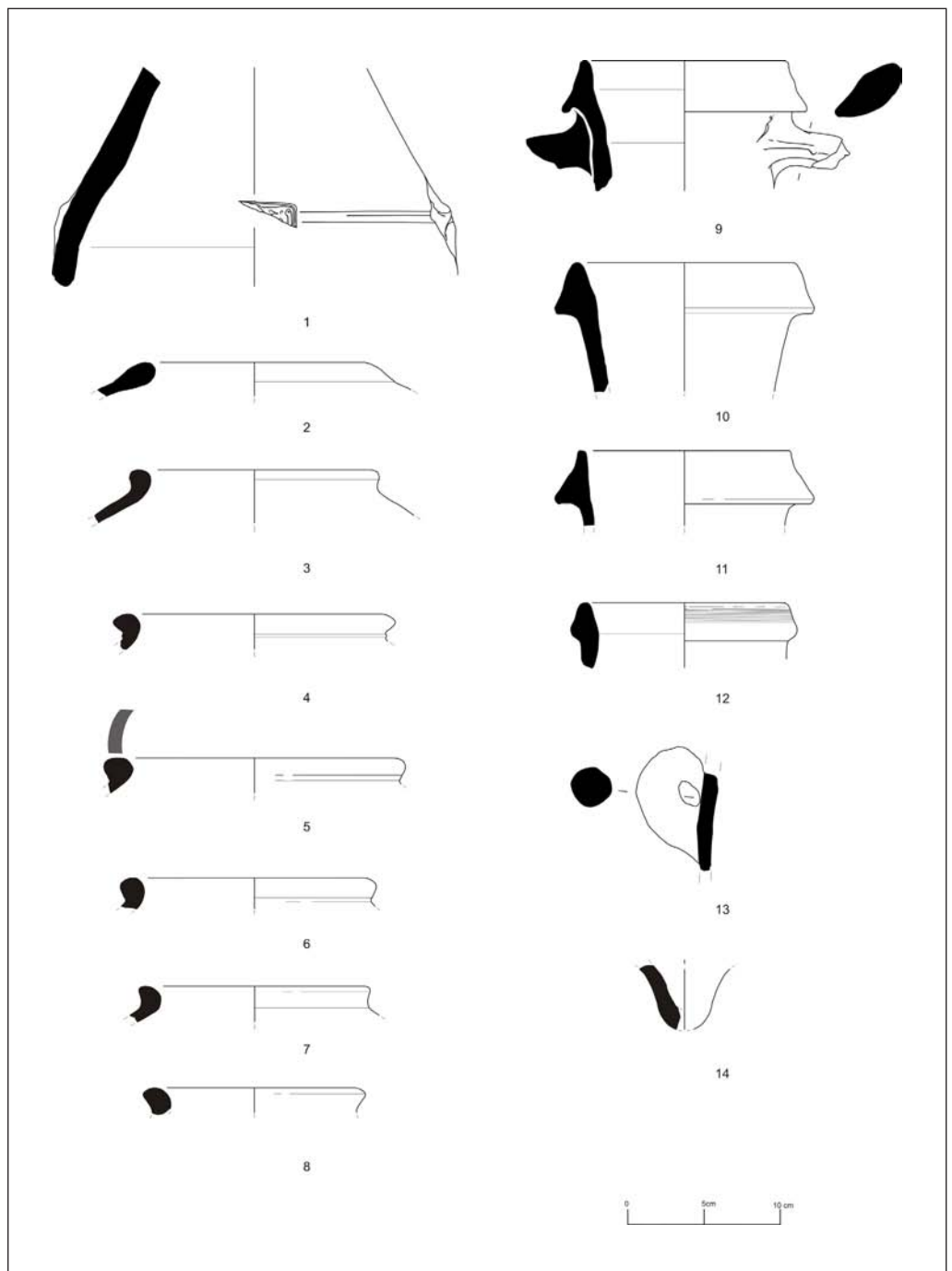


Figura 26
Prancha ânforas: N.º
1 Mañá C2b. N.º 9 a
12 Greco-Itálicas e
Dressel 1 de produção
peninsular. N.º 8 a 12 e
n.º 13 e 14 ânforas de
tradição pré-romana.

3.3. Ânforas Tripolitanas Antigas

Identificámos dois fragmentos de bordo e um fundo que atribuímos a este tipo (Figura 24, n.º 10 e 11). Correspondem aos primeiros contentores de morfologia ovóide destinados à exportação do azeite da área da Tripolitânia durante a época romana republicana. Tendo só recentemente merecido a atenção dos investigadores (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2000), deixando antever uma invulgar difusão que leva a reavaliar a importância da sua comercialização em época republicana.

3.4. Ânforas de tradição pré-romana

Identificou-se ainda nesta intervenção um significativo conjunto de ânforas de cronologia pré-romana, comprovando a longa diacronia de ocupação deste espaço ao longo do primeiro milénio antes de Cristo.

Como já verificámos com o estudo dos contextos romanos do Castelo de São Jorge, a presença de ânforas de tradição pré-romana é uma constante nos níveis do século II a.C., ainda que quantitativamente pouco representativos.

Na presente intervenção recolheram-se em níveis de revolvimento medieval, uma série de bocais de ânforas um fundo e uma asa de rolo atestando diversas influências e cronologias (Figura 26, n.º 2 a 8 e n.º 13 e 14).

Temos que ter presente a existência de uma forte ocupação pré-romana no morro do Castelo, que remonta a meados do século VIII a.C. com fortes influências semitas, e que se irá manter com forte dinamismo ao longo de todo o primeiro milénio a.C. até à chegada dos exércitos romanos, como atestam as longas estratigrafias identificadas na área arqueológica da Praça Nova do Castelo hoje em dia musealizada.

Entre os modelos de ânfora pré-romanas do presente conjunto, destacamos o exemplar que apresentamos como n.º 7 da figura 26, correspondendo a uma ânfora importada possivelmente da área Gaditana do Tipo 10.1.2.1 de Ramón Torres (1995), com uma cronologia de meados do século VII a.C. a VI a.C.

A peça n.º 2 é o modelo mais evoluído entre as ânforas deste grupo, tratando-se de uma forma D de Pellicer (Pellicer Catalán, 1978), bem atestada em níveis do século II a.C. em Lisboa.

Os exemplares n.º 3 a 6 e 8 da figura 26, são de classificação mais problemática, devendo corresponder a ânforas mais evoluídas da segunda metade do primeiro milénio a.C. Estas encontram bons paralelos na proposta de tipologia recentemente apresentada tendo por base o estudo da estratigrafia e componente artefactual da escavação do núcleo arqueológico da rua dos Correeiros em Lisboa (Sousa, 2011). Assim o nosso bocal n.º 3 da figura 26 poderá inserir-se no tipo Série 1, Grupo 1Db (Sousa, 2011, p. 124). Os exemplares n.º 4, 5, 6 e 8 poderiam ainda que com algumas hesitações face ao seu estado de fragmentação, inserir-se dentro do tipo Série 1, Grupo 1B (Sousa, 2011, p. 124).

4. Testos

Um dos dados mais peculiares nesta intervenção foi a presença de um número inusitado de fragmentos de testos de ânfora (figura 27). Ainda que peças similares tenham sido identificadas em outras áreas do Castelo, nunca se tinha identificado uma expressão quantitativa equivalente.

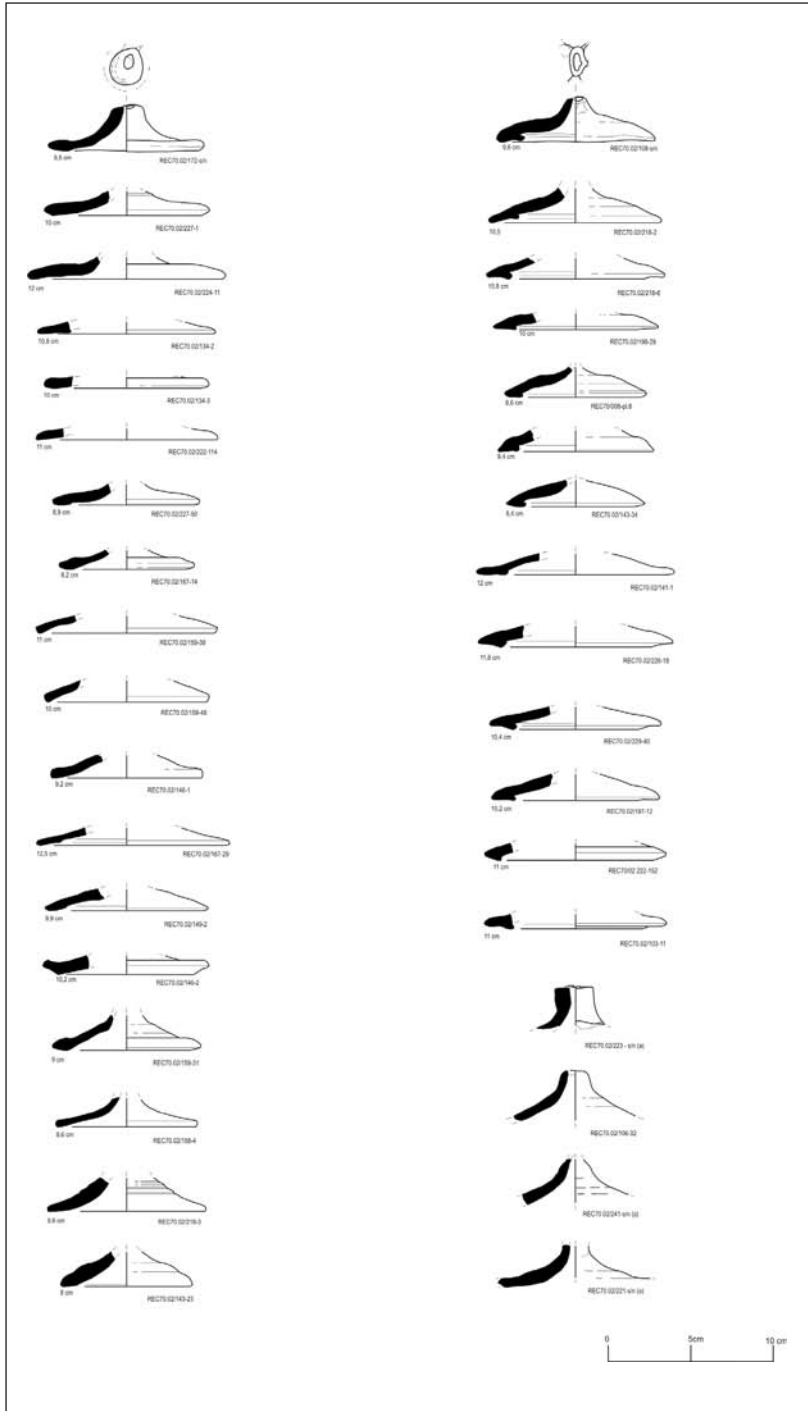


Figura 26
Conjunto de testos
de ânfora.

Entrever o significado desta concentração de testos de ânfora é uma das questões que se coloca, mas para a qual se carece de uma solução satisfatória, visto estarmos a lidar com dados exumados sobretudo em contextos de remeximentos medievos. No entanto podemos interrogarmo-nos sobre qual a utilização desta área da “acrópole” do antigo povoado nesta fase conturbada: constituirá o conjunto de testos uma evidência indirecta de uma área de armazenamento onde as ânforas chegariam ainda seladas? Ou antes perante uma lixeira original, para onde se descartou uma quantidade significativa de testos, depois de cumprida a sua função?

Identificámos um número mínimo de trinta e um exemplares, tendo sido possível reconstituir fisicamente duas peças. A análise das pastas permite aferir diferentes grupos de fabrico que deverão indicar diferentes proveniências, encontrando-se identificados fabricos itálicos e produções da área do Estreito de Gibraltar, estas com paralelos exactos em contextos produtivos, como os da olaria de Torre Alta; Avenida Portugal; La milagrosa; Cerro Bateria; Gregorio Marañón; e Callé Asteroides (Saez Romero, 2008), como oficinais, neste caso datados com precisão de finais do séc. II a.C. em *Baelo Claudia* (Bernal Casasola e Arévalo González, 2007). Os diâmetros variam entre os 8 e os 12,5 centímetros.

Considerações Finais

O conjunto de dados de Época Republicana Romana disponibilizado pela intervenção arqueológica na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70 vem de encontro aos dados já antes compilados do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005; Pimenta *et al.*, neste volume): o conjunto mostra uma afinidade elevada com os “pacotes artefactuais” dos momentos iniciais da conquista e integração no mundo romano, documentando-se a panóplia que associa determinados tipos de cerâmicas finas e ânforas, a par de outras produções de menor expressão. No caso da Rua do Recolhimento n.ºs 68-70 convirá, deste modo, salientar os elementos que constituem novidade para o registo arqueológico do morro do Castelo.

Por um lado, o perfil cultural da comunidade ali instalada naqueles momentos, já antes interpretado como itálico pela importância ali atingida pelos produtos alimentares importados, pela frequência da atestação da baixela de mesa itálica, do uso de lucernas e da comprovação do uso de moeda de baixo valor romana (Pimenta, 2005), surge agora reforçado de forma contundente pela presença do *stylus*, ao constituir um peculiar artefacto demonstrativo do carácter literato e à maneira itálica de membros da comunidade em causa.

Noutro sentido, cronológico, a presença dos exemplares da variante C itálica da morfologia 1 de Dressel documenta uma continuidade da importação de produtos vínicos italianos na primeira metade do séc. I a.C., que contudo terá de ser vista na sua devida e reduzida dimensão por comparação com a elevada expressão quantitativa antes atingida no lapso de 140-130 a.C., mesmo que somente no quadro da Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. Trata-se de uma diminuição drástica da frequência das importações após a instalação militar, cujos contornos precisos requeririam outro tipo de informações, para já indisponíveis.

Independentemente das explicações para o decréscimo das evidências de ocupação do Castelo no período dado, é previsível que o porto olisiponense tenha desempenhado não só uma função relevante no abastecimento aos vários exércitos romanos estacionados na região após a campanha do Galaico de 138-137 a.C., como prossiga o seu papel portuário de primeira linha nas redes comerciais que se estabeleceram a partir de então.

BIBLIOGRAFIA:

- ALAPONT MARTÍN, L.; CALVO GALVÉZ, M.; RIBERA i LACOMBA, A. (2009)**- *La destrucción de VALENTIA por Pompeyo (75 a.C.)*. Valencia, Quaderns de Difusió Arqueològica, 6.
- ALVES, C. (2011)** – A Cerâmica Campaniense em Mesas do Castelinho. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2 Volumes, 115, 161 p. Dissertação de Mestrado. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2994>
- ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998)** – *La quantification des céramiques, conditions et protocole. Actes de la table ronde du centre archéologique européen du Mont Beuvray* (Glux-en-Glenne, 7-9 abril de 1998). Collection Bibracte. 2.
- ARRUDA, A. M. (1993)** – A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da Expansão Fenícia para a fachada atlântica Peninsular. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 193-214.
- ARRUDA, A. M. (2002)** – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (1998)** – As Ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (Campanhas de 1983-1991). *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 201-231.
- BARGÃO, P. (2006)** – *As importações anfóricas durante a época romana republicana na Alcáçova de Santarém*. Dissertação de Mestrado em pré-história e arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição Policopiada.
- BENQUET, L.; OLMER, F. (2002)** – Les amphores. In *La Loba (Fuenteobejuna, Cordoue, Espagne). La mine et le village minier antiques*. Ausonius-Publications. Mémoires. 7. Bordeaux, p. 295-331.
- BERNAL CASASOLA, D.; ARÉVALO GONZÁLEZ, A. (2007)** – *LAS CETARIAE DE BAELO CLAUDIA. Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000-2004)*. Arqueología Monografías. Junta de Andalucía e Universidad de Cádiz.
- BONIFAY, M. (2004)** – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 1301).
- CIPRIANO, M. T.; CARRE, M. B. (1989)** – Production et typologie des amphores sur la côte adriatique de l’Italie. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Roma: École Française de Rome (Collection de l’École Française de Rome; 114), p. 67-104.
- COSTA, A.M. (1910)**- Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal- Appendice. O Homem proto-histórico. Idades do Bronze e do Ferro no Castro de Chibanes, *O Archeólogo Português*, vol. XV, Lisboa ; Museu Ethnológico Português, p. 55-83 .
- DIAS, V. (2013)** – A cerâmica campaniense proveniente dos sítios arqueológicos da cidade de Lisboa. Uma abordagem preliminar. In *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 717-726.
- DESBAT, A. (1998)** – L’arrêt des importations de Dressel 1 en Gaule. In *Actes du Congrès d’Istres*. Société Française d’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 31-35.
- FABIÃO, C. (1989)** – *Sobre as ânforas do acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa. UNIARQ / INIC, p. 162.
- FABIÃO, C. (1998)** – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- FABIÃO, C. (2002)** – Mundo indígena, romanos e sociedade provincial romana: Sobre a percepção arqueológica da mudança. *Era Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 108-131.
- FEUGÈRE, M. ; PRÉVOT, P. (2008)** – Les matières dures animales (os, bois de cerf et ivoire) dans la vallée de l’Hérault : production et consommation. In: *I. Bertrand (dir.), Le travail de l’os, du bois de cerf et de la corne à l’époque romaine : un artisanat en marge ?* Monographies Instrumentum 34. Montagnac, p. 231-268

- FILIFE, Victor (2008)** – *As ânforas do teatro romano de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998)** – *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (Siglos II A.C. - IV D.C.)*. Ecija: Gráficas Sol.
- GARCÍA VARGAS, E. (2000)** – La producción de ánforas “romanas” en el sur de Hispania. República y Alto Imperio. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija: Editorial Gráficas Sol, p. 57-174.
- GASPAR, M. A.; GOMES, A. M.; SEQUEIRA, M. J.; SILVA, R. B. (2000)** – Arqueologia urbana em Lisboa. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. 8. Terrenos da Arqueologia da Península Ibérica*. Porto. ADECAP, p. 55-70.
- GATEAU, F. (1990)** – Amphores importées durant le Ie et IIe s. av. J.C. dans trois habitats de Provence occidentale: Entremont, le Baou-Roux, Saint-Blaise. *Documents d'Archéologie Méridionale*. Lattes. 13, p. 163-183.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; PIMENTA, J.; GUERRA, S.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; VALONGO, A.; PINTO, P. (2003)** – Castelo de São Jorge - Balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa. 4, p. 214-223.
- HAYES, J. (1972)- *Late Roman Pottery*.
- GUERRA, A. (2006)** – Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.9, n.º2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p.271-297.
- HAYES, J.W. (1972)- *Late Roman Pottery*. Roma: British School of Rome.
- LAMBOGLIA, N. (1952)** – Per una classificazione preliminare della ceramica campana. In *Atti del Iº Congresso Internazionale di Studi Liguri* (Monaco-Bordighera-Genova, 1950), p. 139-206.
- LAMBOGLIA, N. (1955)** – Sulla cronologia delle anfore romane di età repubblicane (II-I secolo a.C.). *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 22, p. 241-270.
- LÓPEZ MULLOR, A. (2013)** – Las Cerámicas de Paredes Finas del final de la república Romana y el período Augusto-Tiberiano. In *Manual de cerámica romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*. Coord. Albert Ribera I Lacomba. Museu Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid. Madrid, p. 149-190.
- MAZA, G. (1998)** – Recherche méthodologique sur les amphores gréco-italiques et Dressel 1 découvertes à Lyon IIe-Ier siècles avant J.-C. In *Actes du Congrès d'Istres*. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 11-29.
- MOLINA VIDAL, J. (1997)** – *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior*. Alicante: Instituto de Cultura Juan Gil-Albert.
- MOREL, J. P. (1981)** – *Céramiques campaniennes. les formes*. 2 Vols. Roma : Ecole Française de Rome.
- PELLICER CATALÁN, M.; ESCACENA CARRASCO, J. L.; BENDALA GALÁN, M. (1983)** – *El Cerro Macareno*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- PIMENTA, J. (2003)** – Contribuição para o estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 341-362.
- PIMENTA, J. (2005)** – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, Trabalhos de Arqueologia, 41.
- PIMENTA, J. (2007)** – A importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (séculos II-I a.C.). In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Universidade de Cádiz, Noviembre de 2005, B.A.R., International Series, 1686, Oxford, p. 221-233.
- PIMENTA, J., CALADO, M. e LEITÃO, M. (2005)** – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol. 8, 2, p. 313-334.
- PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012)** – *O Acampamento romano de Alto dos Cacos – Almeirim*. Associação de Defesa do património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.

- PRINCIPAL, J.; RIBERA I LACOMBA, A. (2013)** - El material más apreciado por los arqueólogos. La cerámica fina - La cerámica de barniz negro. *Manual de cerámica romana. Del mundo Helenístico al Imperio romano*. Alcalá de Henares, pp. 43- 146.
- RAMONTORRES, J. (1995)** - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat.
- RIBERA I LACOMBA, A. (1998)** - *La fundació de València. La ciutat a l'època romanarepublicana (Segles II-I a. De C.)*. Estudios Universitarios. 71. Valencia.
- RIBERA I LACOMBA, A.; JIMÉNEZ SALVADOR, J.L. (2012)** - *VALENTIA*, Ciudad Romana: su evidencia Arqueológica. In *HISPANIAEVRBES Investigaciones Arqueológicas en Ciudades Históricas*. José Beltrán Fortes e Oliva Rodríguez Gutiérrez (Coordinadores Científicos). Universidad de Sevilla.
- SÁEZ ROMERO, A.M. (2008)** - *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos -III/-I)*. Volume 2. La producción alfarera gadirita durante los siglos -III y -II. BAR International Series S1812. Oxford. 2008.
- SCHULTEN, A. (1922-52)** - (Ed. e Com.) *Fontes Hispaniae Antiquae*. Barcelona.
- SILVA, R. B. (2012)** - *As "marcas de oleiro" na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade em Arqueologia, orientada pela Prof.a Dr.a Rosa Varela Gomes, apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SILVA, R,B.; OLIVEIRA, F. (no prelo)**- European Medieval imported pottery in Lisbon: its historical significance. Londres. *Journal of Medieval Pottery*, 34.
- SILVA, V. (1937)** - *O Castelo de São Jorge em Lisboa. Estudo histórico descritivo*. 2.ª Edição. Lisboa.
- SOUSA, E. (2011)** - *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo durante a segunda metade do 1.º milénio a.C.* Tese de Doutoramento em História especialidade em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- TCHERNIA, A. (1986)** - *Le Vin de L'Italie Romaine. Essai d'Histoire Économique d'Après les Amphores*. Paris: De Boccard.
- VIEGAS, C. (2011)** - *A Ocupação Romana do Algarve. Estudo do Povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa Uniarq. Lisboa.
- FERRERUELA GONZALVO, F.; MINGUEZ MORALES, J.A. (2006)** - Excavaciones en la ciudad romanorrepublicana de «La Cabañeta» (Ciudad Real, Zaragoza): campañas de 2004-2005. *Saldue*, 6, p. 331-339

NOTAS

- ¹ Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL-DPC-CML)
- ² Museu Municipal de Vila Franca de Xira/UNIARQ
- ³ Arqueólogo. Técnico Superior do CAL-DPC-CML. Docente do Departamento de História da FCSH-UNL. Investigador Integrado do CHAM-FCSH e UAç.
- ⁴ Não deixa de ser interessante comparar esta escassez, com a tradição pré-romana abundantemente documentada em Lisboa de gravar signos e caracteres sobre suportes cerâmicos.
- ⁵ Não podemos deixar de agradecer as amáveis observações prestadas pelo Prof. Dr. Amílcar Guerra.